

DEMÔNIAS, SANTAS, OBJETOS E ALGO MAIS: APONTAMENTOS SOBRE METÁFORAS PARA MULHERES EM CARTAS DA INQUISIÇÃO DO SÉCULO XVIII

DEMONS, SAINTS, OBJECTS AND SOMETHING MORE: NOTES ON METAPHORS FOR WOMEN IN LETTERS FROM THE CENTURY'S INQUISITION

Aurelina Ariadne Domingues Almeida¹

Elisângela Santana dos Santos²

Neila Maria Oliveira Santana³

RESUMO

Apresentam-se, neste artigo, resultados de um estudo preliminar acerca da conceptualização metafórica de mulher em cartas encaminhadas ao Santo Ofício, em diferentes anos do século XVIII. Para proceder ao estudo, recorreu-se ao aporte teórico da Semântica Cognitiva, em perspectiva Sócio-Histórica-Cultural (ALMEIDA; SANTANA, 2019; ALMEIDA, 2020) e também da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; KÖVECSES, 2017). No que concerne ao seu desenho metodológico, o trabalho investigativo realizado deu-se a partir de abordagem qualitativa do fazer científico, de natureza exploratória, documental, descritiva e interpretativa do *corpus*, que foi constituído por cartas inseridas no Projeto *Post Scriptum*, coordenado por Rita Marquilhas, em 2014. Após a realização deste estudo preliminar, já se sabe que, no período em questão e, particularmente, no *corpus* analisado, a mulher poderia ser conceptualizada em termos de DEMÔNIO e de SANTA, entre outras possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Século XVIII. Inquisição. Metáfora. Teoria da metáfora ampliada.

ABSTRACT

This article presents the results of a preliminary study on the metaphorical conceptualization of women in letters sent to the Holy Office, in different years of the 18th century. To carry out the study, we used the theoretical contribution of Cognitive Semantics, from a Socio-Historical-Cultural perspective (ALMEIDA; SANTANA, 2019; ALMEIDA, 2020) and also the Theory of Conceptual Metaphor (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; KÖVECSES, 2017). With regard to its methodological design, the investigative work carried out was based on a qualitative approach to scientific work, of an exploratory, documentary, descriptive and interpretive nature of the *corpus*, which was made up of letters included in the *Post Scriptum* Project, coordinated by Rita Marquilhas, in 2014. After carrying out this preliminary study, it is already known that, in the period in question and, particularly, in the analyzed *corpus*, the woman could be conceptualized in terms of DEVIL and SAINT, among other possibilities.

KEYWORDS: Woman. XVII century. Inquisition. Metaphor. Extended metaphor theory.

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA), ada.domingues@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9641-2530>.

² Universidade do Estado da Bahia (UNEB), elssantos@uneb.br, <https://orcid.org/0000-0002-7869-3746>.

³ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), nmosantana@uneb.br, <https://orcid.org/0000-0002-1767-2394>.

Primeiro ponto: introdução

No presente artigo, expomos resultados preliminares de um levantamento de metáforas acionadas para conceptualizar a mulher em cartas direcionadas à Inquisição. O estudo foi sustentado teoricamente pela Semântica Cognitiva, numa perspectiva sócio-histórico-cultural (GEERAERTS, 1997; SILVA, 1999; FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, 2012; PAZ AFONSO, 2014; ALMEIDA, 2020), particularmente, pelo aporte fornecido pela Teoria da Metáfora Conceptual – TMC (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]; KÖVECSES, 2017; ALMEIDA, 2020; 2023). E a discussão teórica empreendida será apresentada na primeira seção deste texto.

O *corpus*, por sua parte, foi constituído por correspondências enviadas para a Inquisição, produzidas no século XVIII, nas quais foram identificadas expressões linguísticas instanciadas pelas metáforas estudadas. Os passos para a constituição desse *corpus*, bem como outros procedimentos metodológicos serão expostos na segunda seção deste texto.

As questões que nortearam as discussões produzidas foram as seguintes: 1) Se a conceptualização metafórica possibilita-nos falar-escrever, além de pensar-agir, sobre um domínio-alvo em termos de diferentes domínios-fonte, quais são os domínios-fonte que, no *corpus*, tornam possível conceptualizar o domínio-alvo, MULHER, e conseqüentemente produzir, através da ação da escrita, a materialização dos pensamentos por meio da linguagem sobre esse domínio-alvo?; 2) Se ao conceptualizar, o ser humano assume um ponto de vista específico sobre algo ou sobre alguém (SALOMÃO; TORRENT; SAMPAIO, 2013), levando-o à imposição de uma perspectiva sobre o que conceptualiza, quais são os enquadramentos feitos pelos acionamentos de diferentes *frames* dos diversos domínios-fonte requeridos para a conceptualização da mulher nesse *corpus*?

Os resultados do estudo empreendido e norteado por essas questões acham-se na terceira seção, que antecede as Considerações finais e as Referências.

1. Apontamentos sobre o norte teórico

No final da década de 1990, o estudo de Geeraertes (1997) demonstrou a importância de se levar em consideração a abordagem dos fenômenos cognitivos no estudo semântico-lexical em perspectiva histórica; desde então, algumas publicações têm exposto resultados de pesquisas que exploraram o papel da cognição na constituição do significado, na passagem do tempo (FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, 2012; PAZ AFONSO, 2014; SANTOS, 2011), indo inclusive além do enfoque exclusivo no léxico (SANTANA, 2019; ARAÚJO, 2021). Diante disso, partindo de uma compreensão de que os significados são frutos de mentes corporificadas, trabalhos recentes (NOVAIS, 2023; RODRIGUES, 2022) têm compreendido a emergência da significação nos diversos contextos interacionais, nos quais o ser humano, por meio do seu aparato sensorio-motor e mecanismos cognitivos, produz, em sociedade, linguagem situada histórica e geograficamente, gerada por culturas e geradora de culturas.

Estudos como esses apontam para uma nova vertente da Semântica Cognitiva, a Semântica Cognitiva Sócio-histórico-cultural (ALMEIDA, 2020), ou, melhor dizendo, a Semântica Cognitiva Ecológica, isto porque, embora seja consenso entre os semanticistas cognitivos a compreensão de

que a cognição é situada e de que é improdutiva a separação das dimensões da linguagem das outras facetas da vida, nem sempre história e sociedade, assim como cultura, são efetivamente levadas em consideração nos estudos semânticos cognitivos (ALMEIDA; SANTANA, 2019). Inclusive, não raras vezes, esses estudos acabam limitados ao abordar, por exemplo, a(s) metáfora(s) conceptual(is) acionada(s) em uma dada conceptualização, sem discutir as inter-relações que ocorrem entre essas diferentes dimensões. Entretanto, como observa Silva (2009, p. 4),

[...] tendo a experiência humana uma dimensão também colectiva e interactiva, social, cultural e histórica e, portanto, variacional, impõe-se não reduzir a filosofia experiencialista e o princípio da corporização a operações neurais meramente individuais [...] a natureza socialmente interactiva da linguagem e o seu ambiente cultural devem ser reconhecidos como elementos igualmente fundacionais da perspectiva cognitiva [...].

Essa observação de Silva (2009) sugere a necessidade de enfrentar as dificuldades impostas pela perspectiva disciplinar que acaba não voltando a estabelecer as inter-relações entre o social, o cultural e também o histórico, para além do cognitivo, nos estudos semânticos desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva. Em face dessa ausência, a Semântica Cognitiva, em perspectiva sócio-histórico-cultural, ou Semântica Cognitiva Ecológica procura relacionar essas distintas dimensões que constituem o fenômeno da significação que antes ou não eram considerados ou eram vistos separadamente sem que essas inter-relações fossem estabelecidas.

Sendo uma perspectiva dos estudos semânticos cognitivos, como demonstraram Almeida e Santana (2019) e Almeida (2020), essa vertente da Semântica Cognitiva reflete sobre como o ser humano conceptualiza, isto é, sobre como ele significa. O significado é visto, neste campo do conhecimento, como um fenômeno de natureza enciclopédica, de cariz perceptual, corporificado, experiencial e situado, já que resulta das interações das dimensões cognitivas sensório-motoras com as dimensões sociocultural-político-ideológicas afloradas em um espaço e em um tempo delimitados; o significado é, enfim, uma entidade conceptual dinâmica, flexível e perspectivista (SANTOS, 2015).

Entre os mecanismos da cognição que tornam possível a ação humana de conceptualizar, encontramos a metáfora. Podemos concebê-la como uma operação de julgamento e de comparação (CROFT; CRUSE, 2008) que nos permite compreender uma coisa parcialmente em termos de outra, tal como demonstraram Lakoff e Johnson (1980), no hoje já clássico livro intitulado *Metaphors We live by*.

As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais; especificamente, mapeamentos de elementos de *frames*, que são estruturas do conhecimento com menor esquematicidade e maior especificidade, de um domínio matriz/fonte, que é por sua vez, uma estrutura do conhecimento de maior esquematicidade e menor especificidade (KÖVECSES, 2017; ALMEIDA, 2020; ALMEIDA, 2023). Essa estrutura é elaborada a partir de nossas experiências mais concretas e físicas, as quais são projetadas para outro domínio conceptual que almejamos conceber, entender, definir, geralmente, mais abstrato e relacionado a nossas experiências psíquico-emocionais, ainda que possam ser também físicas e concretas, como é o caso do domínio-alvo, MULHER.

As conceptualizações metafóricas são estruturadas por esquemas de imagem⁴, entendidos como estruturas mentais abstraídas das nossas interações com o entorno em que vivemos. Além de serem a dimensão mais abstrata envolvida no processo de conceptualização, nos permitem dar coerência à nossa experiência; são, enfim, estruturadores dos conceitos que circulam socioculturalmente, a partir das noções de espaço e de tempo (LAKOFF, 1987).

Esquemas (modelo de esquemas de imagem), domínios, *frames* e seus elementos (modelo proposicional), bem como metáforas (modelo metafórico) e outros elementos são tipos de Modelos Cognitivos Idealizados, estruturas de organização do nosso conhecimento. Esses Modelos não são reflexos diretos da realidade, logo, são idealizados, uma vez que são determinados por nossas necessidades, propósitos, valores e crenças e são resultados da interação do nosso aparato cognitivo corporificado com a realidade, por meio das nossas experiências. São também flexíveis e podem ser remodelados, conforme vamos conceptualizando as nossas vivências e vamos armazenando-as ao longo da nossa existência. Além disto, não são isolados, mas antes interagem, combinam-se, inter-relacionam-se para gerarem o nosso chamado conhecimento de mundo (LAKOFF, 1987).

Expostas algumas considerações sobre o aporte teórico que sustentou o estudo do *corpus*, na sequência, será apresentado o percurso metodológico elaborado para proceder ao estudo.

2. Apontamentos sobre a metodologia

O estudo do *corpus* apresentado na terceira seção foi empreendido a partir da abordagem qualitativa do fazer científico e teve natureza exploratória, documental, descritiva e interpretativa de expressões metafóricas coletadas de cartas inseridas no Projeto *Post Scriptum*, também conhecido como PS, coordenado pela professora pesquisadora Rita Marquilhas (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - CLUL).

Para chegar a constituir esse *corpus* da pesquisa realizada, empreendemos uma seleção de cartas escritas em português por homens e por mulheres de diferentes classes sociais no século XVIII, disponíveis no Projeto PS. Para procedermos à delimitação do *corpus*, recorreremos a uma ferramenta do referido *site* que possibilita identificar os temas das cartas por meio de palavras-chave. Entre as mais de 300 opções que encontramos, nos detivemos em cartas de acusação e de adultério. Depois dessa seleção, fizemos a leitura integral de cada documento, a fim de realizarmos o levantamento de fragmentos textuais em que constassem expressões da linguagem resultantes de conceptualizações metafóricas de mulher. Para isso, utilizamos o método de introspecção linguística, que compreende as etapas de “atenção consciente de um usuário da língua para determinados aspectos dessa língua

⁴ Para demonstrarmos como os esquemas de imagem estruturam a conceptualização metafórica, trazemos os seguintes exemplos arrolados por Pelosi e Gabriel (2016, p. 34): “Na explicação fornecida pela LC, processos de transformação e abstração de esquemas estão na base das formações metafóricas que, como parte integrante da cognição humana, se manifestam na linguagem e não requerem qualquer esforço cognitivo para sua compreensão. Assim, por exemplo, se dizemos: “Ela não tem nada na cabeça” ou “Minha cabeça está cheia de ideias”, o fazemos porque a linguagem metafórica utilizada nestas sentenças é estruturada a partir do esquema de RECIPIENTE, que permite a compreensão de “cabeça” em termos de um recipiente que pode estar cheio ou vazio. A metáfora VIDA É VIAGEM, por sua vez, fortemente entrenchada na cultura ocidental, teria como parte de seu domínio-fonte o esquema de PERCURSO/CAMINHO”.

conforme se manifestam em sua própria cognição”, em consonância com o que é descrito por Talmy (2007, p. xii).

Isto feito, realizamos o estudo desse *corpus*, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva, em perspectiva sócio-histórica-cultural, e particularmente, da Teoria da Metáfora Conceptual. Na sequência, sistematizamos os resultados encontrados. Como procedimento de análise, estabelecemos que o *corpus* desse estudo preliminar seria constituído por expressões metafóricas identificadas em 20 cartas escritas em português por remetentes residentes no Brasil, nascidos ou não no país, dos sexos feminino e masculino, integrantes de diferentes categorias sociais, que poderiam ser religiosos ligados ao Santo Ofício ou não, e dirigidas a destinatários residentes dentro ou fora do Brasil, como em Portugal ou África, entre os primeiros e últimos anos do século XVIII, podendo ser também clérigos ou não clérigos. Para identificar os autores e as autoras das cartas, recorreremos aos dados biográficos dos participantes disponibilizados pelo PS.

É importante informar que as cartas com autoria anônima e sem indicação do local de residência foram descartadas. Mas não foi possível desprezar o fato de haver um número significativamente inferior de cartas de mulheres em relação ao de cartas de remetentes homens. Quanto à classe social dos escreventes, notamos que a categorização se baseou no tribunal a que cada pessoa poderia recorrer no século XVIII, de acordo com sua condição jurídica. Entre as possibilidades de categorias sociais, encontram-se, no PS, cartas escritas pela nobreza, pelo clero, por militares, pelas ordens de cavalaria, por universitários, por escravos e por desconhecidos. Neste estudo, nem todas as classes foram contempladas.

Sobre a organização dos resultados, as ocorrências estudadas são aduzidas, na próxima seção, a partir das metáforas identificadas. Ainda no que concerne à exposição dos resultados, o negrito será empregado para evidenciar as expressões metafóricas; a ortografia e a acentuação serão expostas como coletadas do *Post Scriptum*.

Desenhado o percurso metodológico, na sequência, serão expostos os resultados alcançados com o estudo do *corpus*.

3. Apontamentos sobre os resultados: primeiras reflexões

Como indicado na segunda seção deste artigo, os resultados a seguir aduzidos serão expostos a partir das metáforas identificadas no *corpus*, a saber: 3.1. Mulher é demônio; 3.2. Mulher é santa; 3.3. Mulher é domadora/amansadora; 3.4. Mulher é mercadoria; 3.5. Mulher é objeto possuído em um recipiente; 3.6. Mulher é bem danificado; 3.7. Mulher é objeto presenteado; 3.8. Mulher é barreira/cerca; 3.9. Mulher é alicerce e 3.10. Mulher é filha. Seguem agora os primeiros resultados do estudo sobre as metáforas identificadas no *corpus* constituído preliminarmente:

3.1. Mulher é demônio

Em 1723, António das Chagas, frade, gozando de uma posição privilegiada no Santo Ofício,

fez uma carta para seu amigo António Ribeiro de Abreu, a fim de pleitear ajuda acerca das acusações de solicitação – *solitatio ad turpia*, ou seja, delito cometido por aquele que feria o sacramento da confissão – feitas por mulheres. Sobre esse delito, Gouveia (2022, p. 508) esclarece que se tratava de:

[...] um delito que compreendia todas as situações em que um confessor, valendo-se da sua autoridade, do seu ministério e do momento recatado em que ocorria a administração do sacramento da penitência, consumava os seus desejos carnaís, ou manifestava apenas essa intenção, utilizando meios e estratégias diversos, entre gestos, palavras e ações [...].

Nessa carta de António Chagas, o *frame* SER SOBRENATURAL, cujo elemento demônio é requerido do domínio matriz RELIGIÃO, propicia a conceptualização da mulher em termos de um ser maligno; esse mapeamento torna possível a metáfora mais específica – MULHER É DEMÔNIO – que, por sua parte, é um desdobramento da metáfora mais geral SER HUMANO É SER SOBRENATURAL. Assim conceptualizada, a mulher é vista como um ser capaz de enfeitiçar homens e, com isto, enganá-los, levando-os a servir ao maléfico, a fim de cometerem atos ilícitos:

[...]havendo eu consendido com 90 demos pouco mais ou menos e havendo sido delles ameaçado mtas vezes, q podia esperar não havendo em mim hũa suma cautela, vigilancia senão o q agora experimento? estas malditas me cegarão de man(ei)ra pa não ver a gravide destas aççois q dellas nã faria caso. [...] (PSCR0691)⁵.

Essa metáfora é estruturada pelo esquema de imagem da FORÇA, porque as mulheres, categorizadas como seres diabólicos, são entendidas como uma força maléfica, capaz de mobilizar e de dominar um homem, no caso, o frei, autor da carta, que afirma ter cedido aos encantos delas (“havendo eu consentido com 90 demos pouco mais ou menos”), no momento da confissão. Daí que também o esquema CONTRA-FORÇA esteja estruturando essa conceptualização; afinal, a mulher, ou melhor, a denunciante, reconceptualizada como demônio, é a força externa que leva supostamente o acusado a realizar esse ato, fazendo comportar-se de modo condenável.

Além desses esquemas, o esquema ORIGEM-PERCURSO-META encontra-se alicerçando a conceptualização em pauta, uma vez que as mulheres são vistas como seres que ameaçaram e cegaram o acusado, com a finalidade de conduzi-lo à realização de ato ilícito (“havendo sido deles ameaçado muitas vezes[...] Estas malditas me cegarão de maneira pa não ver a gravidade destas aççõis”).

O esquema de ITERAÇÃO, ademais, estrutura esse entendimento da mulher em termos de demônio, isto porque a ação criminosa era repetidamente efetivada, o que acabou por culminar na denúncia das fieis (“Havendo eu consentido com 90 demos pouco mais ou menos e havendo sido delles ameaçado mtas vezes”).

Considerando a perspectiva dessas mulheres que o denunciaram, no entanto, era o referido frei que as “solicitava”, que pegava nas suas mãos e lhes propunha atos ilícitos, configurando o que se categoriza atualmente um assédio ou uma importunação sexual, já que o contato carnal ocorreria sem

⁵ A codificação das cartas segue o padrão estabelecido pelo CLUL, em que PS refere-se a *Post Scriptum*, CR refere-se a card (carta em inglês) e o número corresponde à numeração do documento no *corpus*.

autorização das denunciantes. Daí o esquema de CONTATO também ser requerido para a efetivação dessa conceptualização, além do esquema SUPERFÍCIE, já que o corpo das fieis era o espaço delimitado desse contato entre o frei e as confessantes.

Metáforas, como MULHER É DEMÔNIO, orientavam a construção de expressões da linguagem, do pensamento e de ações experimentadas pela sociedade brasileira do século XVIII, quando o discurso religioso, somado ao modelo do patriarcado, pautado em bases do modelo cognitivo idealizado de religião, constituído em fundamentos judaico-cristãos, estava em pleno vigor. Portanto, toda e qualquer mulher que não se enquadrasse no padrão de comportamento “exigido”, “determinado” por homens, era considerada pecadora e poderia ser condenada a todo tipo de punição, mesmo sendo ela a vítima que buscava justiça; afinal, ainda que sofresse violência, cabiam à mulher o silêncio e o silenciamento.

Essa metáfora foi imposta por grupos de poder, dominados por homens de diferentes classes e funções sociais, o que justificava, na época, a produção de cartas acusatórias, que difamavam e condenavam as mulheres, as quais passavam de vítimas a réis, chegando até mesmo a serem condenadas à morte ou à humilhação pública.

3.2. Mulher é santa

Permanecer no entrelugar parece ser sina da mulher, que, ao longo do tempo, tem ficado entre Ave e Eva, entre a santidade e a pecaminosidade, entre a castidade e a lascívia, diga-se, entre a pureza e as chamadas imundícies da vida mundana. Para ir de um extremo a outro destas dicotomias, bastará simplesmente desagradar a um homem ou a homens, que seja(m) membro(s) de grupos mais ou menos privilegiados socioeconomicamente, pois, no modelo cognitivo idealizado da moralidade, na metáfora da ordem moral, estaria(m) ele(s) apenas abaixo de Deus, o ser supremo, conforme já assinalou Lakoff (1996), de modo que lhe(s) é permitido exercer sua moralidade sobre a(s) mulher(s), que estaria(m) abaixo dele(s) nessa hierarquia dita como natural do mundo, conforme o modelo popular da moralidade. Assim sendo, a partir dessa metáfora, é possível entender o(s) homem(ns) como natural e moralmente superior(es) a mulher(es), devendo possuir, assim, domínio sobre ela(s). Em última instância, essa metáfora coaduna-se com as metáforas do modelo do pai severo, também discutido por Lakoff (1996).

Se, na carta anterior, mulheres foram compreendidas em termos demoníacos, indo para o lado negativo do citado pensamento dicotômico, em outra, cujo fragmento será a seguir transcrito, da lavra do frade Francisco de São Joaquim e endereçada a Maria do Espírito Santo, a mulher foi entendida como um ser divino, deslocando-se para a outra parte dessa dicotomização; para isto, do domínio RELIGIÃO, foram requeridos o *frame* DIVINO e o elemento santa:

[...]me disse q hua mulher parda q os confessores a não querião absolver por me não ter hido denunciar por eu dizerlhe q vmce **hera hua santa e q falava com o Menino Jezus q lhe punha e tirava o anel no dedoeu** conteilhe a historia toda ficou mais socegado e ainda

tenho mais q lhe contar para ele não ter susto porq ella o q quer he q ele me não de licença pa não hir falar com vmce como se emgana Disgraçada como q ella pode mais do q Ds quando o Guardião soube q eu já tinha hido a emquezição e lhe mostrey o papel mas não o leo ficou mais socegado [...] (PSCR0662).

Os esquemas LIGAÇÃO e CONTÊINER estruturam essa conceptualização metafórica; o primeiro possibilita compreender a relação entre a mulher e o menino Jesus (“vmce hera hua santa e q falava com o Menino Jezus”) e o segundo alicerça essa conceptualização, porque o seu corpo é visto como o local onde o filho de Deus punha o referido anel (“Jezus q lhe punha e tirava o anel no dedo”); também, o esquema PERTO-LONGE é seu sustentáculo, pois é a mulher santificada que se aproxima do ser divino. Ainda é possível identificar a estrutura do esquema PARTE-TODO, isto, considerando que é apenas no dedo, parte da sua mão, o todo, que o ato da criança sagrada é praticado (“o Menino Jezus q lhe punha e tirava o anel no dedo”) e também, porque a ação de falar, realizada pela mulher, é ressaltada em detrimento de todas as suas outras ações (“falava com o menino Jezus”). Por fim, os esquemas COLEÇÃO e INCONTÁVEL-CONTÁVEL estão na base dessa compreensão metafórica da mulher (“vmce hera hua santa”), já que ela seria uma santa entre todas as outras mulheres santificadas.

Isto posto, vale ainda considerar que, se a mulher, por um lado, pode ser conceptualizada pelo acionamento da visão da moralidade do modelo conservador, do pai severo, ela pode ser também compreendida por modelos menos rígidos, pois os pensamentos, as ações e a linguagem são regidos por perspetivações que ocorrem *on-line*, no tempo da experiência e dos interesses humanos, indo, conseqüentemente, além das crenças e do modelo conservador, aqui antes citado e já incrustado, no modo *off-line*, nos nossos modelos sociais.

Isto é possível ver, na carta agora destacada, porque quem conceptualiza a mulher como uma santa é um homem que experiencia uma condição diferente do outro autor da carta anterior. Logo, se, naquele documento, as mulheres foram conceptualizadas como seres demoníacos, por um conceptualizador que queria encobrir o seu delito, agora, aquele que conceptualiza a mulher é um homem diferente, que viveu outra experiência, pois era um frei exorcista, mas não só, visto tratar-se do homem que, com a acusada, fez um filho.

A sua relação com a denunciada, assim sendo, era distinta daquela vivenciada pelo homem denunciado na outra carta. Naquele texto, o foco de atenção de quem conceptualizava estava direcionado para o domínio RELIGIÃO, especificamente, para o *frame* SER SOBRENATURAL e para o elemento demônio, pois havia a intenção de culpabilizar aquela que o denunciava. Aqui, a atenção do conceptualizador, embora ainda direcionada para o domínio RELIGIÃO, volta-se particularmente para o *frame* DIVINO, com o acionamento do elemento santa, já que havia a necessidade de santificar a mulher com quem mantinha relações sexuais, para livrá-la do pior e, talvez sobretudo, para livrar-se de algo ruim.

Dele, não restaram documentadas notícias posteriores, só o fato de a acusada não tornar a vê-lo, ainda que ele a tenha escrito duas vezes, no período de sua convalescença; dela, porém, o relato é o da

sua condenação e da sua sentença ao açoite público, ao degredo, a penitências espirituais, à instrução ordinária e ao pagamento das custas, além do fato de o seu filho ter sido posto na roda dos enjeitados. Preço pago pelas noites de sexo travestidas socialmente de exorcismo, mas também condizente como o modelo cognitivo idealizado conservador que alicerçava o chamado Santo Ofício.

Na próxima subseção, será posta em evidência uma metáfora que foge do domínio experiencial da RELIGIÃO, em que a mulher está entre Ave e Eva, de modo que será acionado o domínio da DOMESTICAÇÃO e então a mulher assume uma posição de poder em relação ao homem, embora esse poder de sujeitar-se seja possibilitado pela condição de perigo a que ele se encontra submetido por outro homem.

3.3. Mulher é domadora/amansadora

Maria Helena Mexia Galvão de Sousa, recolhida em um convento, escreve ao padre Sabastião Luís da Silveira, em 1779, sobre o fato de ele não ter apoiado a sua ideia de utilizar o dinheiro da herança do irmão Gaspar, que está preso e é responsável por tirar o sossego dela, para o libertar:

[...] e esta resolução q agora tomey a tivera antecipado se meu Iro Lco em uma sua me não aSeverara, q no S João ceguinte estava Livre da prizão e **só era amanssalo para não fazer asneiras**, mas já desanimada a experanssa tentou a fertuna e achala favoravel em VSa [...] (PSCR4511).

Na carta que envia ao religioso, a própria escrevente se autoconceptualiza como uma domadora de um homem compreendido em termos de um asno, uma vez que ela se compromete a cuidar do irmão, caso seja liberto, conseqüentemente, o elemento domador, do *frame* AMANSADOR, referente ao domínio DOMESTICAÇÃO, foi requerido para essa conceptualização que tem a metáfora mais geral SER HUMANO É DOMESTICADOR na base da metáfora mais específica MULHER É DOMADORA/AMANSADORA, identificada nessa carta de 1779.

Como esquemas de imagem que ancoram essa conceptualização, tem-se FORÇA, uma vez que a mulher recorre ao entendimento de ser necessário domesticar o irmão, especificamente, amansá-lo; também o esquema CONTRA-FORÇA, uma vez que ela exerce uma força contrária para torná-lo manso, e ainda BLOQUEIO (“só era amanssalo para não fazer asneiras”), para impedir esse homem de se comportar de modo impróprio e cometer atos inadequados. A força exercida por ela era usada apenas para evitar uma parte das ações do seu irmão (“asneiras”), de modo que é possível concluir que também o esquema PARTE-TODO foi acionado para que essa conceptualização metafórica se efetivasse (“só era amanssalo para não fazer asneiras”). Além disso, foi acionado o esquema ORIGEM-PERCURSO-META, dado que a mulher, enquanto domadora, traçaria o percurso para domar seu irmão, alcançando a meta de evitar os referidos comportamentos e ações inapropriados. Ademais, o esquema CONTATO e PROCESSO são ativados, visto que, para que a domesticação fosse efetivada, teria a aproximação do domado e da domadora na ação continuada até que a meta tivesse sido atingida (“só era amanssalo”).

Na carta, encontra-se a autoconceitualização de uma mulher que, em sua condição de religiosa reclusa em um convento, usa os mecanismos de que dispõe para tentar livrar seu irmão, preso por seu outro irmão, na Torre de São Julião da Barra, motivado por problemas de partilha de herança. Em face desse sério conflito familiar, ela se enxerga como alguém capaz de domesticar um homem.

A seguir, porém, a mulher foi vista como um ser sujeitado ao poder de outras pessoas e não como quem exerce poder sobre outrem, e isto se deve ao modelo cultural de ESCRAVIDÃO.

3.4. Mulher é mercadoria

O padre António de São José escreveu, em 1751, ao comissário do Santo Ofício António Álvares Guerra, para transmitir uma denúncia de bigamia:

Este Manuel de Andrade é casado na sua freguesia com **uma crioula por nome Luzia, que foi escrava de José de Melo Tavares e de sua mulher Isabel Clara, a qual crioula foi vendida para a cidade da Bahia e a comprou o padre António Lopes este a tornou a vender no recôncavo no Rio de Joanes a João Gonçalves**. E eu a vi e falei com ela própria em pessoa em cinquenta. E, como todo o referido assim passa na verdade, assim o jurarei nos livros dos Santos Evangelhos, se assim me for perguntado. (CARDS2047).

Para a conceptualização da mulher exposta nesta passagem da citada carta de 1751, foi requerido, do domínio TRANSAÇÃO COMERCIAL, o elemento escravo do *frame* MERCADORIA e esse elemento e *frame* foram mapeados na conceptualização metafórica SER HUMANO É OBJETO. Essa metáfora mais geral possui desdobramentos, de forma que tornam possíveis a metáfora mais específica MULHER É MERCADORIA⁶, instanciada nesse fragmento da correspondência estudada. Concluímos que TRANSAÇÃO COMERCIAL é o domínio, porque é o mais esquemático, enquanto MERCADORIA é o mais específico; para que ocorra uma transação comercial é preciso ocorrer um objeto de troca (KÖVECSES, 2017).

Essas metáforas orientavam não só a construção de expressões da linguagem, mas também de pensamentos e de ações experimentados pela sociedade brasileira do século XVIII e que, inclusive, reverberam até hoje, no Brasil do século XXI, onde são nítidas as consequências nefastas da escravidão em uma sociedade que se construiu e se constrói ainda atualmente com base no racismo estrutural. Então, essas metáforas, impostas por grupos de poder, justificavam, na época, não só a produção de cartas, mas a escravização de seres humanos que foram expatriados e violentados em sua humanidade, o que evidencia o alto grau de convencionalidade, o uso inconsciente e automático desses padrões semânticos nos tempos setecentistas.

Nem todo conhecimento do domínio TRANSAÇÃO COMERCIAL é acionado para essa conceptualização da mulher em termos de mercadoria, de modo que apenas são focalizados os agentes

⁶ Poderia ser proposta uma metáfora mais geral, mais esquemática, contemplando todas as metáforas específicas a seguir listadas. Contudo, esse grau de generalização ocultaria importantes perspectivas feitas pelos sujeitos conceptualizadores; conceptualizar, por exemplo, a mulher, em termos de mercadoria, como alguém que pode ser vendido, não é a mesma coisa de conceptualizar alguém em termos de objeto presenteado. Por isso, considerando a esquematicidade da conceptualização, optamos por apresentar, no texto, as metáforas mais específicas em detrimento da metáfora mais geral.

envolvidos no comércio, tais como a mercadoria, que, nesse caso, é a mulher outrora escravizada, e os espaços para os quais ela foi deslocada. Assim sendo, por exemplo, o preço imposto a tal transação legal na época, mas imoral, é encoberto, enquanto esses outros elementos são ressaltados.

Essa metáfora é estruturada pelo esquema de imagem ORIGEM-PERCURSO-META, porque a mulher, categorizada como escrava, compreendida como mercadoria, para atingir à meta da transação comercial e também do casamento, é deslocada de um lugar a outro: da cidade da Bahia para o Recôncavo no Rio de Joanes, e de um senhor a outro: de José de Melo Tavares e de Isabel Clara a padre António Lopes, e dele a João Gonçalves, ocorrendo ainda o deslocamento de uma condição social à outra: de mulher escrava à mulher casada. Além desse, o esquema de LIGAÇÃO estrutura essa conceptualização, porque foi estabelecido um elo entre a mulher e seus senhores, por meio do comércio, e dela com quem se casou, através do casamento. É requerido ainda o esquema de CONTATO, pois a mulher é posta em contratação, pela transação comercial, com os seus senhores, e pelo matrimônio, com seu marido. A posse da mercadoria é concedida por meio do comércio a outrem que passa a ter a sua posse, retendo-a, e isso ocorre, porque o esquema de FORÇA estrutura essa conceptualização, vez que há aquele que exerce a força para que a mulher se desloque de um espaço a outro e de um senhor a outro e mesmo de uma condição social à outra. Por fim, ocorre o acionamento do esquema PROCESSO que alicerça essa ação continuada com a comercialização e o casamento.

Note-se que apenas o seu prenome – Luzia – é exposto e a sua condição de escrava nascida no Brasil – crioula. A sua pessoalidade é então lateralmente evidenciada, em detrimento da sua condição social, primeiro de escrava – com a exposição da linha sucessória de seus senhores (António Lopes, José de Melo Tavares e Isabel Clara e João Gonçalves) –, depois de mulher casada, com a indicação do nome do homem com quem se casou (Manuel de Andrade) e de onde ele casou (na sua freguesia, tendo sido esse espaço onde ocorreu o casamento indicado como local de origem do homem a quem se ligou por matrimônio). Ressalte-se que nem mesmo o sobrenome da mulher indicada como compradora de Luzia tem seu nome completo revelado; assim sendo, as mulheres são referenciadas, nesse documento, tão somente pelos seus prenomes e como mulheres de um homem, seja essa posse estabelecida pela aquisição comercial ou pelo casamento. Apesar de serem observações importantes no âmbito da conceptualização da mulher no período em destaque, por serem relações construídas em base metonímica, não serão abordadas neste artigo, devido ao seu recorte na conceptualização metafórica da mulher.

3.5. Mulher é objeto possuído em um recipiente

Do domínio ESPAÇO, é requerido o elemento objeto do *frame* RECIPIENTE, de modo que a mulher é conceptualizada através da metáfora MULHER É OBJETO POSSUÍDO EM UM RECIPIENTE no seguinte documento:

[...]deixada hesta **desincaminhou huma filha de frco pires q estando juradacom po Alz Rolo a tirou diso so a fim de ser sua manceva mtos anos [...]** (PSCR1730).

Essa carta foi escrita, entre 1739 e 1740, por João Esteves da Vige para o promotor Manuel Álvares Gondim, com a finalidade de oferecer uma denúncia detalhada contra o vigário da freguesia de Cabração, Viana, em Portugal, que praticava atos considerados imorais com diferentes mulheres, mantendo relações sexuais com elas, fazendo-as suas amantes e, depois, abandonando-as para seguir com a conquista de outras mulheres.

Os esquemas que estruturam essa conceptualização metafórica são FORÇA (“desincaminhou huma filha de frco pires q estando juradacom po Alz Rolo a tirou diso”), CONTÊNER, SUPERFÍCIE (“a tirou diso”), ORIGEM-PERCURSO-META (“desencaminhou [...] so a fim de ser sua manceva mtos anos”), REMOÇÃO (“desencaminhou”) e LIGAÇÃO (“Jurada com po Alz Rolo”/“filha de frco pires”).

Nesse documento, escrito por um homem para outro homem, fica evidente o modelo cultural de passividade das mulheres, aparentemente compartilhado por esse denunciante, já que, na carta, a mulher é concebida como um objeto que pode ser retirado de um espaço e colocado em outro, quebrando elos estabelecidos entre elas e outros homens. Seriam, então, as mulheres moralmente fracas, logo, consideradas incapazes de tomar as suas próprias decisões, corrompendo-se, por quase nada (“a tirou diso so a fim”), coadunando conceptualizações constantes das cartas dirigidas ao dito Santo Ofício, mais uma vez, com as metáforas da ordem moral e o modelo cognitivo idealizado do pai severo (LAKOFF, 1996).

Além de ter sido concebida como um mero objeto que poderia ser levado de um lugar para outro, a mulher também foi compreendida em termos de algo que constituía o patrimônio familiar e que, por isso, não deveria ser avariado, como será visto a seguir.

3.6. Mulher é bem danificado

A metáfora MULHER É BEM DANIFICADO está materializada na carta de 1751, escrita pelo padre António de São José para o comissário do Santo Ofício António Álvares Guerra. Para essa conceptualização metafórica, o *frame* BEM e o elemento danificado foram requeridos do domínio PATRIMÔNIO, na efetivação do mapeamento da metáfora instanciada, na seguinte passagem do citado documento:

[...]a dita pobre queixosa se acha danificada no estupro que lhe fez em sua filha o dito Andrade, ato de matrimónio. [...] (CARDS2047)

A queixosa, pela ligação familiar com a vítima, sofreu prejuízo pela imposição de força do agressor (“danificada no estupro”) que partiu de uma origem, traçou um percurso e, colocando-se em contato com a vítima, atingiu sua meta, o estupro da sua filha, que foi o recipiente onde ocorreu o crime de violação praticado; o ato criminoso é o ápice do processo em que o agressor se move, age com força e muda a condição da mãe, que passa a ser a queixosa, e da filha, que passa a ser a estuprada, deixando-as prejudicadas. Então, os esquemas LIGAÇÃO, FORÇA, ORIGEM-PERCURSO-META, CONTATO, CONTÊNER e PROCESSO são acionados para efetivação da conceptualização em tela.

Na carta, ainda ocorre também uma expressão metafórica que instancia a metáfora CORPO DA MULHER É RECIPIENTE (“estupro [...] em sua filha”). Todavia, não serão expostas reflexões acerca dessa metáfora, pois enfoca a categoria CORPO DA MULHER, parte da categoria MULHER, e assim extrapola o recorte feito para o desenvolvimento do estudo de caráter preliminar que foi produzido. O seu registro aqui, porém, evidencia que metáforas são atreladas à categoria mulher no século XVIII.

A mulher ainda é concebida como um presente, sendo coisificada e submetida aos anseios do seu marido que a traiu e abandonou, como será visto na subseção a seguir.

3.7. Mulher é objeto presenteado

A metáfora mais geral SER HUMANO É OBJETO subjaz a uma mais específica, MULHER É OBJETO PRESENTEADO, identificada na carta produzida, em 1749, por Manuel Cardoso dos Querubins Meireles que a fez para Joana Maria de Paiva, sua mulher:

Amada e querida prenda dos meus olhos objecto dos meus sentidos alma vida e coração reçeby hua vossa da qual fiz toda a estimação por ficar intimado, logres boa saúde Ds ta conceda a medida do teu dezo que não terá o meu coração mais q dezejar nem o meu affecto mais que aplaudir [...] (PSCR0546).

O elemento valor afetivo do *frame* PRESENTE do domínio OBJETO (“amada e querida prenda dos meus olhos objeto dos meus sentidos alma vida e coração”) foi requerido para que essa conceptualização fosse efetivada e para que essa expressão da linguagem pudesse ser realizada.

Trata-se de uma conceptualização metafórica alicerçada pelos esquemas LIGAÇÃO (“prenda dos meus olhos objeto dos meus sentidos alma vida e coração”), OBJETO (“prenda”/“objeto”), RESTRIÇÃO (“prenda dos meus olhos”/ “objeto dos meus sentidos”), FRENTE/TRÁS (“dos meus olhos”), porque a mulher diante dos olhos do seu marido, portanto à sua frente, encontra-se ligada a ele e retida por ele através da sua posse.

Nesse documento, a mulher é coisificada e, na carta escrita por um homem bigamo que estava sendo julgado por bigamia pela Inquisição, sua esposa é concebida como um ser passivo, contemplado por aquele que a abandonou grávida e partiu para outro país, do qual não voltou e que, ainda, morando no Brasil, cometeu o citado delito. Mas, diante da eminente condenação, lembrou-se de ter mulher e a ela recorreu, para ajudá-lo a levá-lo de volta a Portugal. Sem conseguir seu intento de livrar-se do processo, foi condenado pela Inquisição.

Outra vez, a mulher foi coisificada, como evidenciado na seguinte subseção.

3.8. Mulher é barreira/cerca

De 1753, é a cópia de uma carta de Josefa Maria Marques para sua tia Inocência dos Santos. Nessa carta, a escrevente se queixa da situação em que o seu marido, Jacinto José dos Santos, a deixou e conceptualiza outras mulheres em termos de uma barreira, portanto de um objeto da construção.

Assim sendo, a metáfora mais geral SER HUMANO É OBJETO e a mais específica MULHER É BARREIRA/CERCA estão licenciando a expressão metafórica documentada nessa referida cópia de carta do início da segunda metade do período setecentista.

Para que essa conceptualização tenha sido efetivada, ocorreu o mapeamento do elemento cerca, do *frame* BARREIRA, do domínio CONSTRUÇÃO, de tal forma que um conjunto de mulheres pôde ser compreendido como empecilho para o livre movimento afetivo de um homem que deixou de ser o amante ideal de sua esposa:

[...] mt mais dos dezemparados como eu pois he Certo q eu havia de sentir q vme me não escreveçe dandome a nota por Letra de q por palavra me mandou pois o meu procedimto o não desmereçe Mandeme vme explicar melhor o recado porqto estando o meu marido em termos de eu hir fazer Vida com elle, nenhuã duvida lhe ponho pois **sempre fui mais sua amte do q ele meu porq eu me lembro de q hindo a Lxa pa ver se o punha Livre da prizão em q estava, todas as vezes q o hia a ver o achava sercado de mulheres [...]** (PSCR1715).

Os esquemas que estruturam essa conceptualização são: COLEÇÃO, CONTÁVEL-INCONTÁVEL, FORÇA, BLOQUEIO, RESTRIÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, PERTO-LONGE, SEPARAÇÃO. O conjunto de mulheres não contabilizado gerou uma força que possibilitava o bloqueio (“o achava sercado de mulheres”), estabelecendo a restrição afetiva (“sempre fui mais sua amte do que elle meu”) e colocando o homem na periferia do relacionamento com sua esposa e no centro do abarreamento feito por outras mulheres, de modo a afastá-lo, deixando-o mais longe daquela que sempre esteve mais perto dele, o que provocou, por conseguinte, a separação afetiva do casal, além da física já promovida pela justiça.

No texto em tela, ainda é possível identificar a metáfora mais geral SER HUMANO É OBJETO, que possibilita a metáfora mais específica MULHER/ESPOSA É OBJETO DE POSSE CONSENTIDA (“sempre fui mais sua”). Contudo, não serão tecidas maiores considerações acerca dessas metáforas, pois se atrelam à categoria ESPOSA, parte da categoria MULHER, fugindo assim ao escopo delimitado do estudo preliminar empreendido.

Ainda vista como objeto, a mulher foi especificada como parte basilar de uma construção, como será exposto na sequência.

3.9. Mulher é alicerce

O *frame* ALICERCE é também requerido do domínio CONSTRUÇÃO, de modo a possibilitar nesta passagem da carta do frade Francisco de São Joaquim para Maria do Espírito Santo, datada de 1754, a conceptualização da mulher em termos de um objeto, particularmente, de uma fundação para sustentação da vida, por meio da metáfora MULHER É ALICERCE:

E minha querida **May da ma alma e vida do meu coração e sustento da mesma vida [...]** (PSCR0662).

Os esquemas imagéticos que estruturam essa conceptualização foram LIGAÇÃO (“vida do meu coração e sustento da mesma vida”), FORÇA (“sustento da mesma vida”), PARTE-TODO (“sustento da mesma vida”) e PROCESSO. Os três primeiros justificam-se, porque a mulher, ligada ao homem, foi compreendida como a base que sustentava a sua vida, portanto, sustentáculo de uma vida, que é apenas uma parte, entre todas as outras vidas, o que corresponde ao todo. Já o último esquema foi requerido, pois foi a ação continuada da mulher que dava força para sustentar a manutenção da existência do homem.

Por fim, o estudo preliminar empreendido permitiu verificar o uso de expressão da linguagem instanciadora da metáfora que possibilita conceber a mulher como o membro mais frágil de uma família setecentista, como demonstrado na seguinte subseção.

3.10. Mulher é filha

Na carta datada de 1754, do frade Francisco de São Joaquim para Maria do Espírito Santo, a mulher (companheira) foi conceptualizada por seu companheiro através da metáfora MULHER É FILHA, de sorte que, do domínio RELAÇÕES DE PARENTESCO, foi mapeado o elemento filha do *frame* FAMÍLIA:

Minha Rica filha vmce dis q eu tenho paixão e eu digo na ma carta q vmce he q a tem vmce dis q eu ando magro e eu queixome q vmce andamagra vmce dis q há de emdoudeçer e eu na ma carta digolhe q hei de morrer pois ma **rica filha** nem vmce há de emdoudeçer nem eu hei de morrer [...] (PSCR0659).

Os esquemas imagéticos que estruturam essa conceptualização são: LIGAÇÃO, PARTE-TODO e PROCESSO. O primeiro estabelece a relação de parentesco (“Minha Rica filha”) entre a mulher, compreendida como filha, e o homem com quem ela se relaciona amorosa e sexualmente; o segundo delimita a parte, que é a filha, do todo, que é a família, ali não focalizada, e o terceiro torna possível entender o seu deslocamento da condição de amante para a filha.

Uma última observação acerca dessa conceptualização é feita no sentido de destacar a intencionalidade do conceptualizador, pois essa carta foi escrita em resposta à mulher com quem ele se relacionava e, no texto, ele a aconselha a não dar intimidade a determinadas pessoas e a instrui a evitar que se propague o conhecimento do relacionamento entre os dois.

Mais uma vez, a metáfora da moralidade sustenta a conceptualização da mulher no período em destaque. Como já visto, no caso em tela, a mulher, que mantém uma relação amorosa-sexual com o homem, é concebida por ele como sua filha. No modelo do pai severo, Deus está no topo da hierarquia da moralidade, tendo autoridade moral sobre as pessoas, sendo que homens a têm sobre as mulheres, e os adultos sobre as crianças (LAKOFF, 1996). Por conseguinte, ao concebê-la como sua filha, ele ainda a coloca mais abaixo na hierarquia apregoada pelo citado modelo, infantilizando-a, vendo-a como um ser incapaz de fazer as melhores escolhas, de ter os melhores comportamentos. Na condição de pai, ele é o núcleo da família, e ela deve respeitá-lo e obedecê-lo, uma vez que ele é a autoridade absoluta.

Antes de passar às Considerações finais, será apresentado um quadro síntese alcançado com o estudo das cartas e das expressões linguísticas. Neste quadro, acham-se informações concernentes à datação, ao remetente, ao destinatário, com suas respectivas funções sociais. Além disto, são arrolados os recursos conceptuais identificados: metáfora específica da conceptualização da mulher, domínios matrizes, *frames*, com seus elementos, e, finalmente, esquemas de imagem:

Quadro 1: Síntese das dimensões envolvidas nas conceptualizações da mulher no *corpus*.

| DATA | REMETENTE | PAPEL SOCIAL | DESTINATÁRIO | PAPEL SOCIAL | METÁFORA | DOMÍNIO-MATRIZ | FRAME | ELEMENTO | ESQUEMAS |
|-------------|---------------------------------------|--------------|----------------------------|----------------------------|---|------------------------|------------------|---------------|---|
| 1723 | Antônio das Chagas | Frade | Antônio Ribeiro Abreu | Amigo | MULHER É DEMÔNIO | RELIGIÃO | SER SOBRENATURAL | Demônio | FORÇA CONTRA-FORÇA ORIGEM-PERCURSO-META ITERAÇÃO CONTATO SUPERFÍCIE |
| 1754 | Francisco de São Joaquim | Frade | Maria do Espírito Santo | Amante | MULHER É SANTA | RELIGIÃO | DIVINO | Santa | LIGAÇÃO CONTÊNER PERTO-LONGE PARTE-TODO COLEÇÃO INCONTÁVEL-CONTÁVEL |
| 1779 | Maria Helena Mexia Galvão de Sousa | Religiosa | Sabastião Luís da Silveira | Padre | MULHER É DOMADORA/ AMANSADORA | DOMESTICAÇÃO | AMANSADOR | Domador | FORÇA CONTRA-FORÇA BLOQUEIO PARTE-TODO ORIGEM-PERCURSO-META CONTATO PROCESSO |
| 1751 | Antônio de São José | Padre | Antônio Álvares Guerra | Comissário do Santo Ofício | MULHER É MERCADORA | TRANSAÇÃO COMERCIAL | MERCADORIA | Escravo | ORIGEM-PERCURSO-META LIGAÇÃO CONTATO FORÇA PROCESSO |
| 1739 e 1740 | João Esteves da Vige | - | Manuel Álvares Gondim | Promotor | MULHER É OBJETO POSSUÍDO EM UM RECIPIENTE | ESPAÇO | RECIPIENTE | Objeto | FORÇA CONTÊNER SUPERFÍCIE ORIGEM-PERCURSO-META REMOÇÃO LIGAÇÃO |
| 1751 | Antônio de São José | Padre | Antônio Álvares Guerra | Comissário do Santo Ofício | MULHER É BEM DANIFICADO | PATRIMÔNIO | BEM | Danificado | LIGAÇÃO FORÇA ORIGEM-PERCURSO-META CONTATO CONTÊNER PROCESSO |
| 1749 | Manuel Cardoso dos Querubins Meireles | - | Joana Maria de Paiva | Esposa | MULHER É OBJETO PRESENTEADO | OBJETO | PRESENTE | Valor afetivo | LIGAÇÃO OBJETO RESTRICÇÃO FRENTE-TRÁS |
| 1753 | Josefa Maria Marques | Sobrinha | Inocência dos Santos | Tia | MULHER É BARREIRA/ CERCA | CONSTRUÇÃO | BARREIRA | Cerca | COLEÇÃO CONTÁVEL-INCONTÁVEL FORÇA BLOQUEIO RESTRICÇÃO CENTRO-PERIFERIA PERTO-LONGE SEPARAÇÃO |
| 1754 | Francisco de São Joaquim | Frade | Maria do Espírito Santo | Amante | MULHER É ALICERCE | CONSTRUÇÃO | ALICERCE | - | LIGAÇÃO FORÇA PARTE-TODO PROCESSO |
| 1754 | Francisco de São Joaquim | Frade | Maria do Espírito Santo | Amante | MULHER É FILHA | RELAÇÕES DE PARENTESCO | FAMÍLIA | Filha | LIGAÇÃO PARTE-TODO PROCESSO |

Fonte: elaboração das autoras

Considerações finais

Foram localizadas dez metáforas no material textual estudado. A maior parte das conceptualizações metafóricas identificadas nas cartas foi feita por homens, o que já era esperado, considerando que a maior parte da produção epistolar lida foi assinada por eles. As funções sociais desses escreventes nem sempre foram reveladas, mas, quando oferecida esta informação, ficou constatado que uma parte considerável das metáforas identificadas foi requerida por religiosos.

Enfim as metáforas usadas por homens foram: 1) MULHER É DEMÔNIO; 2) MULHER É SANTA; 3) MULHER É MERCADORIA; 4) MULHER É OBJETO POSSUÍDO EM UM RECIPIENTE; 5) MULHER É BEM DANIFICADO; 6) MULHER É OBJETO PRESENTEADO; 7) MULHER É ALICERCE, e 8) MULHER É FILHA.

Já as poucas metáforas instanciadas nas cartas de mulheres foram: 1) MULHER É DOMADORA/AMANSADORA e 2) MULHER É BARREIRA/CERCA. A primeira metáfora apreça na carta de uma religiosa, que é irmã de um homem que se encontra preso, e segunda registra-se na escrita de uma sobrinha que se queixava à sua tia de seu esposo.

As conceptualizações metafóricas identificadas no *corpus* foram estruturadas pelo seguinte conjunto de esquemas de imagem: 1) ESPAÇO: FRENTE/TRÁS, PERTO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA e CONTATO; 2) CONTÊINER: SUPERFÍCIE; 3) FORÇA: CONTRA-FORÇA, RESTRIÇÃO, BLOQUEIO; 4) UNIDADE/MULTIPLICIDADE: COLEÇÃO, ITERAÇÃO, PARTE-TODO, INCONTÁVEL-CONTÁVEL, SEPARAÇÃO e LIGAÇÃO; 5) EXISTÊNCIA: REMOÇÃO e PROCESSO e 6) ESCALA: ORIGEM-PERCURSO-META.

Os domínios com seus respectivos *frames* e elementos acionados para que essas conceptualizações se efetivassem foram os que a seguir aparecem enumerados: 1) DOMÍNIO: RELIGIÃO (*frame*: SER SOBRENATURAL, DIVINO; elemento: demônio e santa); 2) DOMÍNIO: DOMESTICAÇÃO (*frame*: AMANSADOR; elemento: domador); 3) DOMÍNIO: TRANSAÇÃO COMERCIAL (*frame*: MERCADORIA; elemento: escravo); 4) DOMÍNIO: ESPAÇO (*frame*: recipiente; elemento: objeto); 5) DOMÍNIO: PATRIMÔNIO (*frame*: BEM; elemento: danificado); 6) DOMÍNIO: OBJETO (*frame*: PRESENTE); 7) DOMÍNIO: CONSTRUÇÃO (*frame*: BARREIRA; elemento: cerca); 8) DOMÍNIO: CONSTRUÇÃO (*frame*: ALICERCE) e DOMÍNIO: RELAÇÕES DE PARENTESCO (*frame*: FAMÍLIA; elemento: filha).

Essas metáforas, estruturadas por esses esquemas, e constituídas pelos mapeamentos dos elementos/*frames* desses domínios constituem parte do Modelo Cognitivo Idealizado de MULHER, no século XVIII e, inclusive, esses modelos ainda se mantêm na atualidade, embora alguns estejam situados periféricamente na categoria MULHER.

Mesmo que sejam conhecimentos armazenados na memória de longo prazo das pessoas viventes daquela época e portanto da sociedade dos Setecentos, esses conhecimentos, quando requeridos pelos conceptualizadores, diante de uma experiência nova, no uso *on-line* da linguagem, podem ser requeridos ou não, no processo de metaforização, pois esse processo é responsável por encobrir, ao mesmo tempo, ressaltar *frames* e seus elementos, no processo de impor um efetivo enquadramento, uma perspectiva ao que se conceptualiza, como evidenciado por Almeida (2023), e isso reflete-se

no fato de as categorias não serem estanques, não se acharem previamente definidas, mas serem (re) organizadas no tempo das vivências cotidianas, conforme a percepção do conceptualizador, em face daquilo que experiencia, logo, segundo os seus interesses, como demonstraram os exemplos aqui discutidos. Afinal, como já destacou Lakoff (2013 [2006]) e retomou Almeida (2020), os frames e seus elementos são responsáveis por definirem temas, caracterizarem problemas, determinarem causas, repartirem culturas, reduzirem soluções, inibirem preocupações no momento das vivências.

Ainda resta muito a desbravar em relação à conceptualização da mulher no período setecentista, inclusive, nas cartas produzidas neste tempo histórico, pois o que aqui se apresentou foram apenas reflexões pautadas em uma pequena amostra do material textual remanescente. Assim sendo, em uma próxima etapa do projeto que está sendo desenvolvido a respeito dessa conceptualização metafórica, pretende-se concluir o levantamento das cartas encaminhadas ao Santo Ofício, para confirmar ou mesmo retificar ou ainda ampliar o conhecimento a propósito das metáforas da mulher naqueles tempos de Inquisição.

Antes de concluir esta etapa de apresentação dos resultados, vale observar que as conceptualizações metafóricas permitem ver a força do Modelo Cognitivo Idealizado do Pai Severo na constituição da sociedade brasileira do período setecentista e na sua cultura religiosa estampada pela cultura epistolar nas correspondências aqui destacadas. Então, mesmo com sinais de rachaduras no tecido sociocultural que propiciariam leves alterações no status da mulher, já no século XVIII, especialmente, na França, devido a intensas discussões promovidas, por ideias provenientes do Iluminismo (1685-1815) e do advento da Revolução Francesa (1789-1799), de onde surgiram fissuras que possibilitavam idealizar a reconstrução da sociedade, considerando as noções de liberdade, igualdade e fraternidade (MARCONDES, 1999), no Brasil, ao menos na amostra aqui destacada, concepções tradicionais relacionadas à condição da mulher, baseadas na sua submissão, bem como na sua coisificação, com raras exceções, ainda não tinham sido arranhadas para que maiores reivindicações das mulheres pudessem ganhar terreno.

E, embora diante dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, o fato é que a luta das mulheres acabou sendo, principalmente, contra dois adversários: os costumes da sociedade da época, que as segregavam no espaço doméstico-privado, e os aspectos da filosofia iluminista que ensinava e colocava a mulher como um ser inferior, física e intelectualmente, em relação ao homem (SOUZA, 2003).

Aqui, a história foi contada por cartas basicamente escritas por homens, que precisavam, por exemplo, de se libertar de acusações de mulher(es) ou eram promovidas pela possibilidade de salvação concedida por mulher(es); conceptualizadas, entre outras formas, como demônias e como objetos. Vejamos o que nos revelarão as cenas dos próximos capítulos, quando forem publicados novos resultados.

Referências

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira. A semântica cognitiva sócio-histórico-cultural: questões epistemológicas. In: LOPES, Norma; SANTOS, Elisângela; CARVALHO, Cristina. *Língua e sociedade: diferentes perspectivas, fim comum*. São Paulo: Blucher, 2019. pp. 113-32.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A semântica sócio-histórico-cognitiva: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. In: SANTANA, N.; ALMEIDA, A. A. D. *Semântica Cognitiva-Sócio-Histórica: estudos sobre o significado*. Salvador: EDUNEB, 2020. pp. 23-62.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A ciência no Twitter e a construção ecológica do significado: inimigos, entre defesa e ataque, entre vitória e derrota, quando podemos viver pela metáfora da guerra. *Revista Signo*, v. 48, n. 91, pp. 83-96, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/signo.v48i91.17970>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ARAÚJO, Dalva Pereira Barreto de. *Conceptualização/Categorização do estupro: um estudo sócio-histórico-cognitivo*. 2021. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

CLUL (Ed.). 2014. *P.S. Post Scriptum. Arquivo digital de escrita quotidiana em Portugal e Espanha na época moderna*. [last modified date]. Disponível em: <http://ps.clul.ul.pt>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Lingüística cognitiva*. Tradução Antonio Benítez Burraco. Madrid: Akal, 2008.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. Breve historia de la semántica histórica. *Interlingüística*, n. 17, p. 345-54, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2317212.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FERNÁNDEZ JAÉN Jorge. *Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del español*. 2012. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) – Universidad de Alicante, Alicante, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/38oCHJ7>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GEERAERTS, Dirk. *Diachronic prototype semantics: a contribution to historical. lexicology*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

GOUVEIA, Jaime Ricardo Teixeira. A jurisdição privativa da Inquisição portuguesa sobre o delito de solicitação: De facto ou de iure? *Investigaciones Históricas, época moderna y contemporánea*, n. 42, pp. 507-48, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24197/ihemc.42.2022.507-548>. Acesso em: 15 jan. 2023.

KOVECSSES, Zoltan. Levels of metaphor. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 2, n. 28, pp. 321-47, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/cog-2016-0052>. Acesso em: 15 jan. 2023.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; EDUC, 2002 [1980].

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Moral politics. how liberals and conservative think*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LAKOFF, George. *Puntos de reflexión: manual del progresista*. Tradução Judith Wells. Barcelona: Península, 2013 [2006].

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NOVAIS, Urandi Rosa. *A epidemiologia de HIV/AIDS no Brasil: um estudo semântico cognitivo sócio-histórico-cultural da conceptualização da morte no século XX*. 2023. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

PAZ AFONSO, Ana. *Semântica cognitiva e historia del léxico: evolución de los verbos entrar y salir (ss. XIII-XIV)*. 2014. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) – Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3fLXTuy>. Acesso em: 4 ago. 2020.

PELOSI, Ana Cristina; GABRIEL, Rosângela. Atitudes intolerantes erguem muros e impedem a construção de pontes: uma análise cognitivo-discursiva da emersão da metáfora sistemática no gênero artigo de opinião. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. esp, pp. 29-41, 2016. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 22 set. 2023.

RODRIGUES, Evani Pereira. *Conceptualizações de professor/a em memes: estudo a luz da semântica cognitiva sócio-histórica*. 2022. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SALOMÃO, Maria Maragarida Martins; TORRENT, Tiago Timponi; SAMPAIO, Thaís Fernandes. A linguística cognitiva encontra a linguística computacional: notícias do projeto Framenet Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, pp. 7-34, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636592>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Estudo Sócio-Histórico-Cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX*. 212 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Elisângela Santana dos. *A polissemia do verbo tomar ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da Linguística Cognitiva*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado sob a perspectiva da linguística/semântica cognitiva. *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural*. v. 5. n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2686>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SILVA, Augusto Soares da. *A semântica de Deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1-2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25230>. Acesso em: 26 mai. 2022.

SOUZA, Itamar de. A mulher e a revolução francesa: participação e frustração. *Revista da FARN*, Natal, v. 2, n. 2, pp. 111-24, 2003. Disponível em: <http://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistaunirn/article/view/81/93>. Acesso em: 21 mar. 2023.

TALMY, Leonard. Foreword. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica *et al.* (ed.). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. xi-xxi.